

Poesia-Colagem

Rui Pires Cabral

Esta aventura começou há quatro anos na cave da biblioteca pública de Vila Real, diante de uma pilha de livros «para abate». Reconheci quase de imediato alguns deles: eram os livros que tinha lido no início da adolescência, quer dizer, os mesmíssimos exemplares, pois dei realmente muito uso ao meu cartão de leitor da biblioteca durante os primeiros anos de liceu. Aqueles Júlios Vernes em edição popular, ilustrados por Benett, Riou e Neuville, de fita verde na lombada e com as marcas antigas de muitas leituras, muitas mãos. Estavam vincados, riscados, rasgados. Naturalmente, quis salvá-los, ainda sem saber ao certo que novo destino lhes poderia dar. E salvei, de facto, uma dezena deles. Esta primeira operação de resgate veio a resultar, meses mais tarde, na *Biblioteca dos Rapazes*, o primeiro livro de poesia-colagem que fiz.

Tornei-me desde então um cliente regular dos alfarrabistas de feira: os dos caixotes de refugo a 1€ a peça, os dos livros que já ninguém quer. Resgate, uma vez mais. E acaso. No início de um novo projecto, raramente procuro algo de predeterminado. Escolho de entre o que a sorte me traz às mãos – e as ideias (as melhores, pelo menos) surgem depois com a prática, durante o próprio processo de trabalho. Por vezes, o primeiro factor de atracção é a cor e a textura do papel, a qualidade da impressão, o estilo tipográfico. Outras vezes são os vestígios da vida anterior desses livros: datas e dedicatórias, sublinhados, papéis avulsos

escondidos entre as páginas. O caudal é fascinante, avassalador. Posso ilustrar o que digo com alguns dos títulos que tenho actualmente em cima e à volta da minha mesa de trabalho: *Entre Corais e Tubarões*, *As Drogas e a Mente*, *Simple Science* (delicadamente ilustrado por um tal L. R. Brightwell), *Nova Zelândia* (com gravuras a cores), *O Mistério do Quilómetro 196*, *Curso Elementar de Botânica*, *Les Moteurs* (fascículo da *Encyclopédie par l'image*), *Natação* (da Coleção Educativa), *O Homem do Rosto Escondido* (da Coleção Rififi), *A Pocket Book of Greek Art*, *La Nueva Técnica de los Negocios*, *This is Holland* (com belas fotografias a preto e branco), *Elementos de Desenho para os 1.º 2.º e 3.º Anos dos Liceus*, um número da *National Geographic* de 1979 e dois do *Século Ilustrado*, ambos de 1951... Matéria-prima verbal e visual das mais variadas natureza, idade e proveniência, que rasgo e combino para chegar a qualquer coisa nova em que palavra e imagem se iluminem reciprocamente, qualquer coisa inteira e coesa que só exista pela inter-relação dos seus elementos, por mais contrários ou incompatíveis que possam parecer à partida.

Sei que qualquer livro em prosa me pode dar um poema, se me dispuser a percorrer essa distância e a procurá-lo como deve ser (obviamente, não uso livros de poesia como fonte: isso seria como andar às voltas dentro do mesmo quarto, e o que importa aqui é a longa viagem, é chegar ao quarto da poesia a partir de um ponto muito distante). Folheio um livro e, mais cedo ou mais tarde, tropeço na frase ou expressão que é já o princípio do poema. O processo de escrita começou. Quando rigorosamente aplicado, é um método ao mesmo tempo restritivo e libertador – restritivo porque tenho de encontrar o poema dentro de um universo vocabular relativamente limitado; libertador porque esse universo está apesar de tudo cheio de surpresas e de possibilidades inesperadas, de associações que dificilmente ocorreriam de outro modo. Depois, os versos que encontro pedem-me uma certa atmosfera visual, um determinado tipo de imagens. Não se trata nunca da justaposição pela justaposição, ainda que os nexos nem sempre sejam claros ou imediatos. Com frequência faço o caminho inverso e escolho outros modos de escrita: as imagens chegam primeiro, compõem um certo ambiente e sugerem-me versos, que posso escrever de raiz ou desenvolver a partir de frases extraídas de fontes diversas. Por vezes, um recorte desprende-se de um maço de papéis, cai no chão – e no momento em que o apanho reconheço a

imagem necessária, essencial, que nem sequer procurava (*serendipity*). Outras vezes recorto uma figura que me parece feita à medida para o poema-colagem em curso, e depois descubro que a imagem certa está afinal no verso desse recorte. O acaso, uma vez mais. Os métodos de trabalho variam, o acaso é constante. De tal forma que, para rematar, talvez pudesse definir a poesia-colagem como uma tentativa de impor alguma ordem à matéria díspar que o acaso me dá, de lhe contrapor uma hipótese de sentido pessoal. Uma fórmula que, vendo bem, pode ser aplicada a muito do que fazemos, todos nós, cada um à sua maneira. Neste sentido demasiado geral, também lhe podia chamar simplesmente uma estratégia de sobrevivência. Mas, na verdade, prefiro não lhe chamar nada e deixá-la falar por si mesma.